

2ª Sessão do Seminário História Religiosa Moderna - 26/4/2011 - apresentação

Métodos de abordagem e historiografia da santidade - Maria de Lurdes Rosa (Universidade Nova de Lisboa e CEHR)

Princípio por uma trivialidade, sobretudo se comunicada num seminário com as características do que aqui realizamos há já cerca de três anos. Mas, por vezes, para usar expressão que aprendi quando praticava desporto, desculpem a natureza pessoal do comentário, é necessário voltar aos fundamentos - *back to basics*.

Para fazer boa e sólida História são basilares dois fundamentos prévios ao exercício de toda a investigação. Reflectir sobre os métodos e conhecer, de preferência criticamente, a produção historiográfica que precedeu as indagações que se pretendem levar a cabo. Estes são dois dos pilares estruturantes de uma sólida pesquisa, os quais devem ser obrigatoriamente acompanhados por uma boa problematização e pela existência de fontes documentais, criticamente interpretadas, que lhe permitam dar resposta. Este quadrilátero conforma uma espécie de imposição hermenéutica indispensável a todos quantos queiram abordar numa perspectiva histórica um qualquer objecto.

Fixemo-nos tão só no método e na historiografia, que, conforme ao que aqui explicitarei há cerca de um mês, e que agora recordo, será um dos três vértices do triângulo que compõe as perspectivas analíticas do programa do seminário este ano. A saber, estudar a essência ontológica da experiência da santidade, os distintos territórios sociais em que se inscreveu e os métodos, que também são históricos, da sua construção.

Sem um método claro, reflectido, ajustado aos problemas que se querem resolver e baseado em pressupostos cientificamente válidos, a História não pode ter o rigor que para ela reclamam aqueles que arvoram o seu estatuto de conhecimento científico. Sem um bom método não se podem ultrapassar com sucesso os escolhos de uma sólida e problematizante investigação. Acrece, que, por norma, os resultados a que se chega na ausência de um método rigoroso e reflectido são muito discutíveis, dificilmente permitem certezas quanto aos resultados alcançados e raramente podem disponibilizar dados que consintam a comparação com outras pesquisas, cerceando

dramaticamente um aspecto fundamental de toda a investigação, sobretudo enquanto trampolim para a sua própria superação, refiro-me à comparabilidade.

De igual modo, não se pode avançar sem o conhecimento da produção historiográfica anterior. Porque ela ajuda a conceber o método, desvenda problemas, transmite conhecimentos, sugere caminhos novos de pesquisa, evita a repetição de erros anteriormente já cometidos e, não menos importante, conhecer a historiografia auxilia a inviabilizar o que cada vez mais se vai tornando frequente no panorama historiográfico: tomar por novo o que já é sabido há muito tempo, o que não é mais do que uma forma de ignorância.

Foi por estes e outros aspectos relacionados com metodologia e historiografia que a Comissão Científica decidiu na abertura deste ciclo propor uma reflexão sobre estas matérias, circunscritas, bem entendido, à questão da história da santidade.

Digamos que há no programa do seminário neste ano algumas preocupações teóricas de base. Como, por certo, se recordam abrimos este percurso, há cerca de um mês, colocando as mais essenciais das questões. Por que há religião e por que é que há santos? Sem ensaiar resposta a estas questões não vale a pena fazer história religiosa. E como lembrava o Joaquim Ramos de Carvalho na sessão anterior, devemos ter uma teoria da religião clara no nosso espírito. Vale a pena continuar sempre a visitar os problemas que aqui foram colocados na última sessão no decurso do Seminário.

A reflexão sobre estas questões para ter algum proveito exige uma sólida preparação e muito estudo por parte de quem a elabora. E foi também por isso que pudemos optar por esta via. É que neste domínio temos em Portugal quem tem pensado e reflectido com muita profundidade sobre metodologias do estudo da santidade e sua historiografia. Refiro-me evidentemente, à Doutora Lurdes Rosa, a quem muito agradecemos desde já a sua preciosa colaboração.

Não vou alongar-me nesta breve introdução. Queremos hoje disponibilizar a maior parte do nosso tempo a escutar a nossa convidada. Mas, se bem a conheço, por modéstia - a conscienciosa e lúcida modéstia dos sábios - ela não nos falará muito da sua própria obra neste domínio, pois em muitos outros campos tem produzido. Eu

também não vou agora avaliar criticamente a sua produção. Mas não posso deixar de assinalar a sua importância, rigor, profundidade e cariz inovador. Aliás, para quem esteve atento, já na sessão anterior invoquei várias ideias que respiguei directamente na leitura do que a Lurdes Rosa já escreveu, por exemplo, quando indiquei que o padrão da santidade não se manteve inalterável ao longo da história do cristianismo, sobretudo na modernidade, e, por conseguinte, teve uma história. Ora, a Lurdes Rosa - num texto riquíssimo que compôs para o *Dicionário de História Religiosa*, que é o primeiro que convoco, na medida em que representa o exercício por ela efectuado que mais se aproxima do assunto que lhe propusemos aqui abordar, - já inquiriu como se constituiu esse modelo de santidade e qual o questionário prévio essencial que este problema suscita. Retomo-o aqui: "Como se constitui um modelo de santidade? É fundamental nessa constituição a Igreja institucional, porque instância de reconhecimento da santidade? Qual o papel das crenças das comunidades locais ao adoptarem como seu santo determinado personagem? Como se cruzam elas (isto é, as crenças) com os modelos institucionais difundidos através da doutrina, da pregação, da leitura hagiográfica, da iconografia? Qual o percurso individual de um candidato a santo, e a partir de que outros modelos tempera o seu comportamento? Em função de que parâmetros se deve periodicizar a evolução dos modelos santidade?"

Para além da entrada "Hagiografia e Santidade" no *Dicionário de História Religiosa*, com abundantíssima informação e reflexão sobre a historiografia portuguesa, sublinho a recente compilação de muitos dos textos que foi publicando de modo disperso em diversas revistas e outras publicações e que há escassos meses deu corpo a um coerente e substancial *Santos e demónios no Portugal medieval* (Lisboa, Fio da Palavra, 2010). Para aqui destaco os capítulos 1 e 2. O primeiro intitulado "A santidade no Portugal medieval: narrativas e trajectos de vida", onde há percursos de santidade que chegam ao século XV e o segundo capítulo, "Hagiografia e santidade em Portugal", no qual há duas linhas, pelo menos, que para a nossa perspectiva têm o maior interesse. Uma, que por certo, hoje será invocada, a questão da emergência de uma "hagiografia científica em Portugal"; a outra, os processos e caminhos de controlo do que Lurdes Rosa catalogou, e

bem, "uma santidade portuguesa".

Deixei para o derradeiro lugar as instigantes, densas e luminosas páginas que redigiu para o volume primeiro da recente *História da Vida Privada* (Lisboa: 2011). A seu tempo se verá que muito do que por lá se escreveu nos 3 tomos que compõem a coleção foi pouco mais de uma incursão ditada por modas, o que foi feito, algumas vezes, de forma desarticulada, já para não questionar a pertinência e sentido de algumas das incursões propostas. Não é seguramente o caso dos capítulos que couberam a Lurdes Rosa: "sagrado, devoções e religiosidade" e "a morte e o além", assim se intitulam os 2 capítulos que escreveu entre as páginas 376 e 417. É preciso fina sensibilidade para detectar, como ela o fez, ao situar a dimensão do religioso na sociedade medieval e nos inícios da modernidade, entre o público e o privado, para detectar, dizia, que a religiosidade se foi deslocando de uma visão holística, de uma "confessionalidade" através da qual se lia todo o mundo para uma atitude individual e privada, tal como se caracteriza a religião nas sociedades contemporâneas. Isto é, para usar as suas palavras, a religião transitou "do húmus social para o coração individual. Nascia a religião tal como hoje a entendemos, pertencente ao foro privado". Por estas páginas se discorre sobre leituras privadas e interiorização da religiosidade, por formas de oração, pelos espaços onde circulava a religião, pela confissão (ou a "voz do interior"), por testamentos, tumulária e iconografia que nos conduzem à morte e ao além e por lá se cruzam breves referências aos santos. Sublinho o adjectivo breves, pois imaginaria que na piedade medieval, mesmo nos círculos régios, fidalgos e do clero catedralício ou conventual, a santidade merecesse um destaque maior que aqui não encontrei. Fugazes e raros santos, pois surgem brevemente referidos em algumas leituras, na construção de pequenos altares de devoção e pouco mais. Não é uma crítica, tão só uma constatação.

E dito isto, cumprindo a promessa de ser breve, passo a palavra à nossa convidada, agradecendo muito a sua colaboração e fazendo votos para que nos vá acompanhando ao longo deste seminário e de outros que se lhe seguirão. Muito lucraremos com a sua presença.

José Pedro Paiva